

SARAH J.  
MAAS

A LÂMINA  
DA  
ASSASSINA

TRONO de VIDRO  
CONTOS

TRADUÇÃO DE FILIPA SOARES

 MARCADOR

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora  
instagram.com/marcador\_editora

© 2024

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Texto © 2014 por Sarah J. Maas  
Mapa © 2012 por Kelly de Groot

Esta tradução de THE ASSASSIN'S BLADE é publicada pela Editorial Presença (chancela Marcador) com o acordo de Bloomsbury Publishing Inc.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título: *A Lâmina da Assassina – Trono de Vidro – Contos*

Título original: *The Assassin's Blade*

Autora: Sarah J. Maas

Tradução: Filipa Soares

Revisão: Ruben Castro/Editorial Presença

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Design da capa: Jim Tierney

Arranjo da capa: Carlota Flieg/Marcador

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 529 994/24

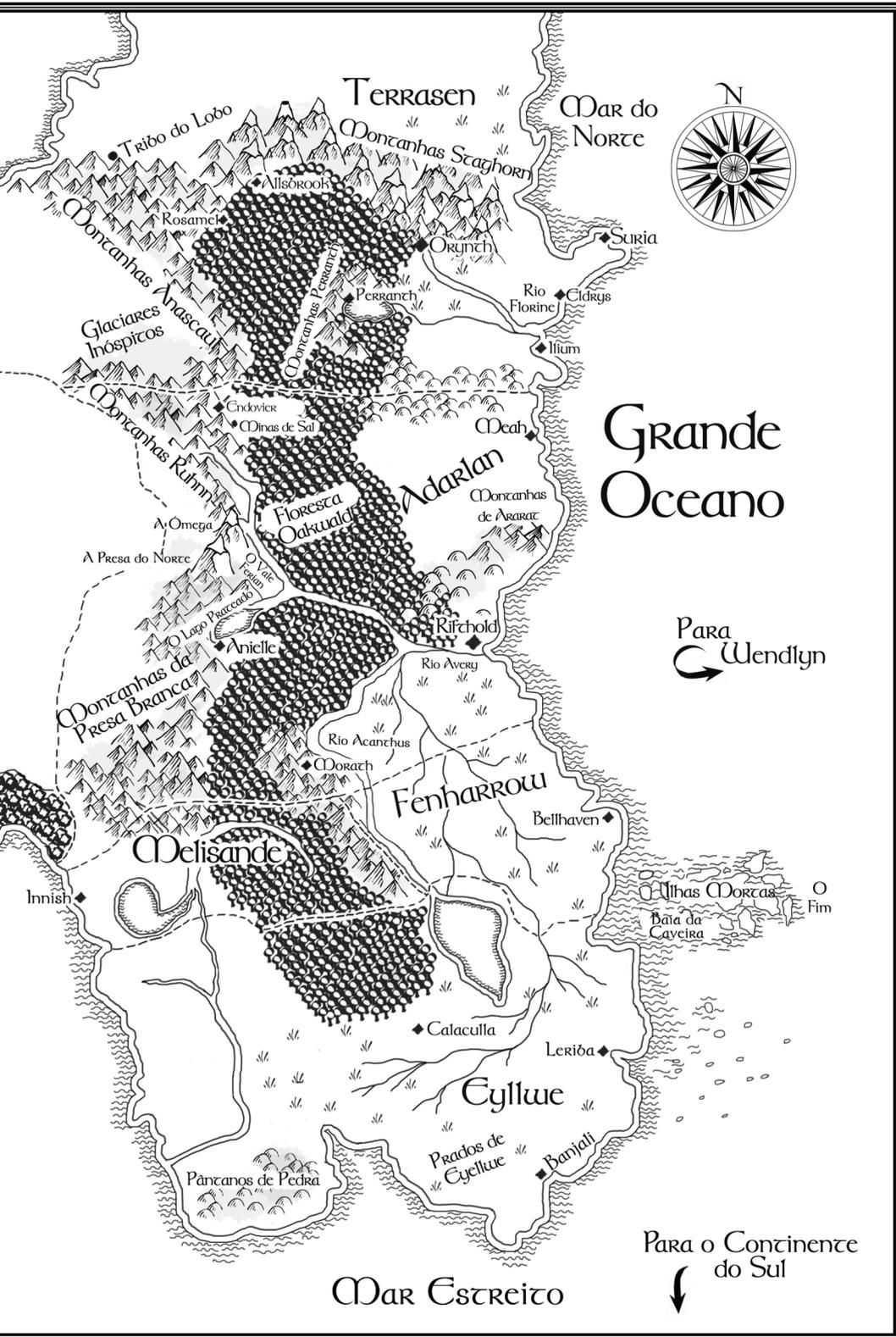
1.ª edição, Lisboa, maio, 2024

*Este é para a extraordinária equipa mundial da Bloomsbury:  
obrigada por realizarem os meus sonhos.*

*E para a minha editora sagaz e genial, Margaret:  
obrigada por acreditares na Celaena desde a primeira página.*

# Erilea





TERRASEN

Mar do NORTE



Montanhas Scaghorn

Montanhas Anascaul

Glaciares Inospicos

Montanhas Ruhn

Montanhas Pevance

Adarian

Floresca Oakuaidi

Meah

Grande Oceano

Para Wendlyn

Montanhas da Presa Branca

Fenharrow

Melisande

Ilhas Dorcas  
Baía da Caveira

Eyllue

Prados de Eyellue

Para o Continente do Sul

Mar Estreito



A ASSASSINA  
E O LORDE PIRATA



## CAPÍTULO 1

Sentada na sala do conselho da Fortaleza dos Assassinos, Celaena Sardothien recostou-se na sua cadeira.

— Já passa das quatro da manhã — declarou, ajustando as dobras do roupão de seda carmesim e cruzando as pernas nuas debaixo da mesa de madeira. — Espero que isto seja importante.

— Talvez não te sentisses tão cansada se não tivesses passado a noite toda a ler — retrucou o jovem sentado à sua frente.

Celaena ignorou-o e avaliou as outras quatro pessoas reunidas nos aposentos subterrâneos. Eram todas do sexo masculino, muito mais velhas do que ela e todas se recusavam a olhá-la nos olhos. Percorreu-a um arrepio que nada tinha que ver com as correntes de ar na sala. Ao mexer nas unhas arranjadas, forçou as feições a permanecerem neutras. Os cinco assassinos reunidos na longa mesa — incluindo ela mesma — eram cinco dos sete companheiros mais confiáveis de Arobynn Hamel.

Aquela reunião era inegavelmente importante. Soubera-o no momento em que a criada batera à porta, insistindo que Celaena descesse e nem se desse ao trabalho de se vestir. Quando Arobynn convocava alguém, não era possível deixá-lo à espera. Felizmente, a roupa de dormir era tão elegante quanto o vestuário que usava durante o dia — e custara quase tanto como ele. Mesmo assim, ter dezasseis anos numa sala com homens fazia com que ficasse de olho no decote do seu roupão. A beleza era uma arma — que Celaena mantinha afiada —, mas também podia ser uma vulnerabilidade.

Arobynn Hamel, Rei dos Assassinos, estava sentado à cabeceira da mesa, o cabelo castanho-avermelhado a refletir a luz do candelabro de vidro. Os seus

olhos prateados encontraram os dela, e ele franziu o sobrolho. Talvez se devesse à hora tardia, mas Celaena podia jurar que o seu mentor estava mais pálido. A jovem sentiu o estômago a revirar-se.

— O Gregori foi capturado — declarou, por fim, Arobynn. Bom, isso explicava a sua ausência naquela reunião. — A missão era uma armadilha. Neste momento, o Gregori está preso nas masmorras reais.

Celaena suspirou pelo nariz. Tinham-na acordado por *isso*? Bateu com o pé calçado no piso de mármore.

— Então, mata-o — disse a jovem.

De qualquer forma, nunca tinha gostado de Gregori. Quando tinha dez anos, dera um saco de doces ao cavalo do assassino. De seguida, o homem atirara-lhe uma adaga à cabeça. Celaena apanhara a arma, claro, e desde então Gregori exibia no rosto a cicatriz do golpe de retaliação da jovem.

— *Matar* o Gregori? — perguntou Sam, o jovem sentado à esquerda do mestre, lugar que costumava estar reservado para Ben, o segundo na hierarquia depois de Arobynn. Celaena sabia muito bem o que Sam Cortland pensava acerca dela. Sabia-o desde que eram crianças, quando Arobynn a acolhera e a declarara — e não a Sam — sua protegida e herdeira. Isso não o havia impedido de tentar enfraquecê-la sempre que podia. E agora, aos dezassete anos, um ano mais velho do que ela, Sam ainda não se esquecera de que seria sempre o segundo melhor.

Celaena indignou-se ao vê-lo no assento de Ben. Era provável que o assassino o estrangulasse quando regressasse. Ou Celaena poderia simplesmente poupar Ben e fazê-lo ela mesma.

A rapariga olhou para Arobynn. Porque não repreendera *ele* Sam por se ter sentado no lugar de Ben? O rosto, ainda bonito, apesar do tom prateado que começava a despontar nos cabelos, permanecia impassível. A jovem odiava aquela máscara indecifrável, principalmente quando controlar as suas próprias expressões — e o seu temperamento — continuava a ser um pouco difícil.

— Se o Gregori foi apanhado, o protocolo é simples: envia um aprendiz até lá para lhe deixar algo na comida — retorquiu Celaena, de modo arrastado, afastando uma madeixa do longo cabelo loiro. — Nada doloroso — acrescentou quando os homens que a rodeavam ficaram tensos. — Apenas o suficiente para o silenciar antes que fale.

Coisa que Gregori poderia muito bem fazer, se estivesse nas masmorras reais. A maioria dos criminosos que acabava ali jamais saía. Não com vida. E não com um aspeto reconhecível.

A localização da Fortaleza dos Assassinos era um segredo bem guardado, um que Celaena fora treinada para manter até ao último suspiro. Mas, mesmo que não o mantivesse, ninguém acreditaria que uma mansão elegante numa rua muito respeitável de Rifthold abrigava alguns dos melhores assassinos do mundo. Haveria um lugar melhor para se esconderem do que no meio da capital?

— E se ele já tiver falado? — desafiou Sam.

— Se ele já tiver falado, então mata todos os que ouvirem — respondeu Celaena. Os olhos castanhos de Sam brilharam quando ela esboçou um pequeno sorriso que sabia que o irritava. Celaena virou-se para Arobynn. — Mas não precisavas de nos arrastar até aqui para decidir isso. Já deste a ordem, certo?

Ele assentiu, e os lábios formaram uma linha fina. Sam reprimiu a indignação e olhou para a lareira crepitante ao lado da mesa. O clarão do fogo colocava as feições suaves e elegantes do rosto do rapaz entre luz e sombra, um rosto que lhe poderia ter rendido uma fortuna se Sam tivesse seguido os passos da mãe, segundo tinham dito a Celaena. Mas a mãe escolhera deixar o filho com assassinos, não com cortesãos, antes de morrer.

Instalou-se um silêncio entre eles, e um rugido encheu os ouvidos de Celaena quando Arobynn inspirou. Algo estava errado.

— Que mais se passa? — perguntou ela, inclinando-se para a frente. Os outros assassinos fitavam a mesa. O que quer que tivesse acontecido, eles sabiam. Por que razão é que Arobynn não contara a Celaena primeiro?

Os olhos prateados ficaram duros como aço.

— O Ben foi assassinado.

A jovem agarrou-se aos braços da cadeira.

— O quê? — *Ben...* Ben, o assassino sempre sorridente que a treinara tanto quanto Arobynn. Ben, que, um dia, a ajudara a tratar da mão direita partida. Ben, o sétimo e último membro do círculo íntimo de Arobynn. Mal completara trinta anos. Revelando os dentes, perguntou: — Que queres dizer com «assassinado»?

O mentor encarou-a, e um lampejo de luto percorreu-lhe o rosto. Cinco anos mais velho do que Ben, Arobynn crescera com o assassino. Tinham sido treinados juntos, Ben certificara-se de que o amigo se tornava o Rei dos Assassinos sem qualquer rival e nunca questionara o seu lugar como braço-direito. A garganta de Celaena contraiu-se.

— A missão devia ter sido do Gregori — disse Arobynn, baixinho. — Não sei por que motivo o Ben estava envolvido. Ou quem os traiu. Encontraram o corpo dele perto dos portões do castelo.

— Tens o corpo? — indagou Celaena. Precisava de o ver, de ver Ben uma última vez, ver como havia morrido, quantos ferimentos tinham sido necessários para o matar.

— Não — respondeu Arobynn.

— Porque não, raios? — Os punhos abriam e fechavam.

— Porque o sítio estava repleto de guardas e soldados! — retorquiu Sam, e Celaena virou rapidamente a cabeça para ele. — Como achas que descobrimos isto?

Arobynn enviara *Sam* para descobrir porque é que Ben e Gregori tinham desaparecido?

— Se tivéssemos trazido o corpo, isso tê-los-ia conduzido diretamente à Fortaleza — afirmou Sam, recusando-se a desviar o olhar de Celaena.

— Vocês são assassinos — rosnou ela. — *Deviam* conseguir recuperar um corpo sem serem vistos.

— Se tivesses estado lá, terias feito o mesmo.

Celaena empurrou a cadeira para trás com tanta força que a deitou ao chão.

— Se eu tivesse estado lá, tê-los-ia matado para recuperar o corpo do Ben! — Bateu com as mãos na mesa, abanando os copos.

Sam ergueu-se, com a mão no punho da espada.

— Oh, ouve o que estás a dizer. A dar ordens como se fosses *tu* a mandar na Guilda. Mas ainda não, Celaena. — O jovem abanou a cabeça. — Ainda não.

— *Basta* — interveio Arobynn, levantando-se.

Celaena e Sam não se moveram. Nenhum dos outros assassinos falou, embora tivessem levado as mãos às diversas armas. A assassina já tinha testemunhado lutas na Fortaleza, as armas tanto serviam para a segurança de quem as empunhava como para evitar que ela e Sam causassem sérios danos um ao outro.

— Eu disse *basta*.

Se Sam desse mais um passo em direção a ela, se desembainhasse a espada um milímetro, a adaga escondida no roupão encontraria um novo lar no seu pescoço.

Contudo, Arobynn moveu-se primeiro e agarrou o queixo do rapaz com uma das mãos, forçando-o a olhar para ele.

— Recua, ou fá-lo-ei por ti, rapaz — murmurou. — És um idiota por a provocares esta noite.

Celaena engoliu a resposta. Conseguia lidar com Sam naquela noite, ou em qualquer outra noite, na verdade. Se a situação levasse a uma luta, ela venceria. Derrotava-o sempre.

Mas Sam soltou o punho da espada. Após um momento, Arobynn afastou a mão do rosto de Sam, mas não recuou. O jovem manteve o olhar no chão conforme caminhou até à ponta mais afastada da sala. Cruzando os braços, encostou-se à parede de pedra. Celaena ainda o conseguia alcançar — um gesto com o pulso e a garganta dele jorraria sangue.

— Celaena — disse o mestre, e a voz ecoou na sala silenciosa.

Havia sido derramado demasiado sangue naquela noite, não precisavam de mais um assassino morto.

Ben. Ben estava morto, e Celaena nunca mais se voltaria a cruzar com eles nos corredores da Fortaleza. Ele nunca mais voltaria a cuidar dos ferimentos da assassina com as mãos tranquilas e ágeis, nunca mais voltaria a arrancar-lhe uma gargalhada com uma piada ou uma anedota indecente.

— Celaena — avisou-a novamente Arobynn.

— Já parei — retorquiu Celaena. Moveu o pescoço, passando a mão pelos cabelos, e avançou para a saída, batendo os pés até à porta, mas parou na soleira. — Só para que saibam — disse a todos, ainda observando Sam —, vou recuperar o corpo do Ben. — Contraiu-se um músculo no maxilar do rapaz, embora ele, sabiamente, tenha desviado os olhos. — Mas não esperem que vos estenda a mesma cortesia quando a hora chegar.

E, de seguida, deu meia-volta e subiu a escadaria em espiral que levava à mansão lá em cima. Quinze minutos depois, ninguém a impediu de sair pelo portão da frente para as ruas silenciosas da cidade.